



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA**

CLAUDIANA BARBOSA DA SILVA

**SOCIOLOGIA NA SALA DE AULA DA EJA: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA
COM A METODOLOGIA DE ESCRIVÊNCIAS A PARTIR DA LITERATURA DE
CAROLINA MARIA DE JESUS NA ECIT FRANCISCO ERNESTO DO RÊGO EM
QUEIMADAS/PB**

**CAMPINA GRANDE
2024**

CLAUDIANA BARBOSA DA SILVA

**SOCIOLOGIA NA SALA DE AULA DA EJA: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA
COM A METODOLOGIA DE ESCRIVÊNCIAS A PARTIR DA LITERATURA DE
CAROLINA MARIA DE JESUS NA ECIT FRANCISCO ERNESTO DO RÊGO EM
QUEIMADAS/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Sociologia.

Área de concentração: Educação

Orientador: Prof. Dr^a Iolanda Barbosa da Silva

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586s Silva, Claudiana Barbosa da.
Sociologia na sala de aula da EJA [manuscrito] : uma [...] em Queimadas, PB / Claudiana Barbosa da Silva. - 2024.
35 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

Orientação : Prof. Dra. Iolanda Barbosa da Silva, Departamento de Ciências Sociais - CEDUC.

Coorientação: Prof. Dra. Gilmara de Melo Ferreira, Sociologia.

Coorientação: Prof. Dra. Walmir Batista Rodrigues Lula, Sociologia.

1. Ensino de Sociologia. 2. Educação de Jovens e Adultos.
3. Escrivências. I. Título

21. ed. CDD 374.012

CLAUDIANA BARBOSA DA SILVA

SOCIOLOGIA NA SALA DE AULA DA EJA: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA
COM A METODOLOGIA DE ESCRIVÊNCIAS A PARTIR DA LITERATURA DE
CAROLINA MARIA DE JESUS NA ECIT FRANCISCO ERNESTO DO RÊGO EM
QUEIMADAS/PB

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso
de Sociologia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Sociologia.

Área de concentração: Educação

Aprovada em: 21/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Waltimar Batista Rodrigues Lula** (***.640.434-**), em 28/11/2024 13:22:35 com chave f9e51112ada411efaf911a1c3150b54b.
- **Gilmara de Melo Ferreira** (***.709.864-**), em 28/11/2024 14:47:40 com chave dd18923cadb011ef973c06adb0a3afce.
- **Iolanda Barbosa da Silva** (***.628.284-**), em 28/11/2024 13:16:08 com chave 13c5fb74ada411ef83b81a7cc27eb1f9.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 22/01/2025

Código de Autenticação: a1c248



À Malu Marte, que através da sua arte independente primeiro me apresentou à obra de Carolina Maria de Jesus, à Iolanda que abraçou este projeto e acredita que podemos pensar em uma educação de qualidade aos nossos estudantes de Escola Pública, e principalmente aos estudantes da EJA da Escola Ernestão em Queimadas – PB, os quais provaram acreditar em si e na educação como forma de transgredir aquilo que lhes foi retirado em algum momento, escolhendo assim a Escola para fazer a diferença em suas vidas, dedico.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Autora Maria Carolina de Jesus em seu barraco na Favela Canindé, onde escreveu sua primeira obra.....	21
Figura 2 – Carolina Maria de Jesus sorrindo em frente ao seu barraco.....	22
Figura 3 – Biografia de Carolina Maria de Jesus.....	22
Figura 4 – Trecho da obra Quarto de Despejo.....	24
Figura 5 – Encontro realizado no Ciclo V-B	25
Figura 6 – Encontro realizado no Ciclo V-C.....	25
Figura 7 – Textos desenvolvidos pelos estudantes sobre a temática <i>Porque estudar?</i>	27
Figura 8 – Texto produzido por estudante do Ciclo V-C.....	28
Figura 9 – Capa e ficha catalográfica da coletânea publicada como resultado da intervenção pedagógica de Estágio Supervisionado III	30

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 INTERLOCUÇÕES ENTRE A LITERATURA, AS QUESTÕES SOCIAIS, A ESCREVIVÊNCIA E O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EJA.....	10
3 O CAMPO DE PESQUISA, O TERRITÓRIO, A ESCOLA E A EJA.....	15
3.1 A EJA na escola e sua importância na garantia do direito à educação.....	18
4. O ESTÁGIO DOCENTE SUPERVISIONADO E O USO DA LITERATURA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA.....	20
4.1 A sequência didática e os resultados da intervenção pedagógica.....	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	33

SOCIOLOGIA NA SALA DE AULA DA EJA: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA COM A METODOLOGIA DE ESCRIVÊNCIAS A PARTIR DA LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS NA ECIT FRANCISCO ERNESTO DO RÊGO EM QUEIMADAS/PB

SOCIOLOGY IN THE ADULT EDUCATION CLASSROOM: A PEDAGOGICAL INTERVENTION WITH THE ESCRIVÊNCIAS METHODOLOGY BASED ON THE LITERATURE OF CAROLINA MARIA DE JESUS AT ECIT FRANCISCO ERNESTO DO RÊGO IN QUEIMADAS, PB

Claudiana Barbosa da Silva*

RESUMO

O presente artigo é resultado da intervenção pedagógica realizada no Estágio Supervisionado III, na ECIT Francisco Ernesto do Rêgo em Queimadas, PB. Com o objetivo de exercitar a leitura e compreensão da vida social com estudantes da EJA (Ciclo V), a interdisciplinaridade entre literatura e sociologia se fizeram presentes através da obra Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus. Ao tomarmos metodologicamente a Escrivência como uma prática pedagógica, pudemos motivar os estudantes a escreverem sobre suas experiências cotidianas, trazendo assim para a sala de aula um material inspirador tanto para a elaboração das aulas, organizadas numa sequência didática, quanto para a dinâmica e criticidade da produção nas textualidades. As produções dos textos com temáticas do cotidiano se tornaram uma coletânea, cujo objetivo é aprimorar as aulas de sociologia com um produto construído pelos próprios estudantes.

Palavras-Chave: ensino de sociologia; educação de jovens e adultos; escrituras.

ABSTRACT

This article is the result of the pedagogical intervention conducted during Supervised Internship III at ECIT Francisco Ernesto do Rêgo in Queimadas, PB. With the aim of fostering reading and understanding of social life among Youth and Adult Education (EJA - Cycle V) students, the interdisciplinarity between literature and sociology was implemented through the work *Child of the Dark* by Carolina Maria de Jesus. By adopting *Escrivência* (Life-Writing) as a pedagogical practice, we encouraged students to write about their daily experiences, thus bringing inspiring material into the classroom that enriched both the structuring of lessons—organized as a didactic sequence—and the critical dynamics of text production. These written pieces, centered on everyday themes, were compiled into a collection designed to enhance sociology classes with a product created by the students themselves.

Keywords: sociology teaching; youth and adult education; life-writing.

1 INTRODUÇÃO

Ao realizar os estágios supervisionados exigidos pela grade curricular na licenciatura em Sociologia, nos deparamos com alguns dilemas: Qual escola procurar? em que turno estagiar? Qual a melhor maneira de contribuir como estagiário? Ao realizar os recortes necessários, entendemos que, identificar-se com o local, com o corpo docente e discente, fazem bastante diferença. É necessário levar em consideração as necessidades das escolas, por isto a importância de diferentes estágios durante o curso de Licenciatura.

No Estágio Supervisionado I, voltando à escola que estudamos durante a adolescência, antes chamada de Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisco Ernesto do Rêgo, e que atualmente funciona como Escola Cidadã Integral e Técnica, notamos diferenças consideráveis quanto ao espaço físico e a gestão escolar. As visitas puderam nos proporcionar a observação direta dos espaços, da organização e da sociabilidade desenvolvida pelo corpo escolar, possibilitando análises e interpretações a partir da visão de futura professora e pesquisadora, como se mantinha o funcionamento da escola com o intuito de realizar uma etnografia escolar, assim realizado no semestre específico.

Com o envolvimento na Residência Pedagógica em Sociologia, a qual tivemos a oportunidade de participar ativamente como observadores e com a regência (desta vez em outra escola, Escola Ademar Veloso da Silveira), foi possível definir um público ao qual seria possível um estágio seguinte na busca por uma definição de projeto. Com a ajuda da supervisora dessa escola, professora Laudilene Barboza e dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos, iniciamos pesquisas que relacionavam entrevistas acerca do perfil dos estudantes, pontapé que faltava para a estruturação dos projetos individuais.

No Estágio Supervisionado II, com uma visão mais aprofundada acerca da educação e da regência, foi possível definir aulas que se adequassem ao ensino noturno, escolhido para o referido semestre. Na ocasião, foi necessário incluir todas as turmas de ensino noturno, tanto Ensino Médio quanto EJA, o que foi importante na constatação de que os conteúdos ofertados se diferenciavam em grau de dificuldade, considerando a variedade nos perfis das turmas.

Ao longo do Estágio II, na ECIT Francisco Ernesto do Rego, portanto, foi possível perceber aquilo que a teoria nos revela: o ensino para adultos encontra-se extremamente necessário na atualidade, considerando a quantidade de estudantes em toda sua diversidade à procura desta modalidade, apresentando-se nesta escola: pessoas idosas, mães, trabalhadores e jovens que não tem oportunidade de estudar no ensino integral por diversos motivos.

Seguindo nesta linha, o Estágio Supervisionado III, com a exigência de uma intervenção pedagógica, foi realizado em turmas de EJA, visando incentivar a leitura e escrita dos estudantes, como também ajudá-los a identificar questões sociais em suas vivências, utilizando como base a identificação dos mesmos com o planejamento das aulas que toma o seu cotidiano como conteúdo no processo de aprendizagem pela escrita de suas vivências. Este estágio torna-se o campo de investigação da prática docente e da observação participante, neste trabalho acadêmico.

Resultando em uma educação sucateada e extremamente precária, o ensino noturno como um todo tem se mostrado frágil em todas as áreas, não havendo incentivos para alavancar o interesse e a criticidade dos estudantes. Para alcançar

os resultados pretendidos, em termos de ensino-aprendizagem foi importante, portanto, observar não apenas a realidade da EJA dentro da ECIT Francisco Ernesto do Rêgo em Queimadas; como também, analisar sociologicamente a realidade em que os estudantes se encontram.

Dito isto, desenvolvendo atividades através da leitura e escrita com os mesmos, foi possível estimular, através da observação que estes fazem de suas rotinas diárias, o pensamento crítico, tornando-se o nosso principal objeto de trabalho, entendendo que contar a história de si mesmo já é agir, pois contar é um tipo de ação, executada com um destinatário, geral ou específico, com uma característica implícita. É uma ação voltada para o outro, bem como uma ação que exige o outro, na qual um outro se pressupõe (Butler, 2015, p. 106).

Com o objetivo principal de trabalhar os conteúdos de sociologia, o desenvolvimento da sequência didática partiu da obra Quarto de despejo - Diário de uma favelada, escrito por uma das maiores escritoras brasileiras no intuito de criar, tal como Carolina Maria de Jesus, uma literatura própria de cada estudante, apresentando a sua realidade conforme a perspectiva dos mesmos, com características singulares, dentre elas como é a comunidade em que vivem, como são seus vizinhos, a ida e volta da escola e do trabalho, correlacionando estas vivências com conceitos sociológicos como trabalho, violência, religião, entre outros.

Utilizando a metodologia qualitativa, busca-se compreender a realidade social a partir da perspectiva dos participantes. Ela é especialmente útil para explorar fenômenos pouco compreendidos e para obter uma compreensão mais profunda das experiências e significados atribuídos pelos indivíduos. Para Minayo e Costa (2018), a investigação qualitativa é uma abordagem essencial para compreender fenômenos sociais em sua complexidade e subjetividade, focando nas interações e significados construídos pelos sujeitos, tornando-se para o pesquisador um campo rigoroso e metodologicamente fundamentado, destacando sua capacidade de capturar as nuances dos fenômenos sociais e culturais a partir das perspectivas dos próprios sujeitos envolvidos.

Minayo (2011) apresenta as bases metodológicas fundamentais que garantem rigor científico e fidelidade aos dados coletados. Para a autora, a prática de pesquisa qualitativa deve equilibrar profundidade interpretativa, rigor metodológico e compromisso ético, favorecendo uma compreensão mais complexa e enriquecedora dos fenômenos sociais. Assim sendo, ela organiza o processo analítico em etapas (compreensão inicial, categorização, interpretação e validação), facilitando a execução e aumentando a transparência das pesquisas. Minayo (2011) também enfatiza a interpretação crítica dos dados, incentivando os pesquisadores a buscar significados contextuais e profundos, indo além da simples descrição.

Como complemento das atividades realizadas, utilizamos também o Diário de Campo como técnica, ferramenta essencial na pesquisa qualitativa, usado para registrar de maneira detalhada as observações, impressões, reflexões e interações que vivenciamos ao longo do trabalho de campo. O diário permite que o pesquisador anote não apenas os eventos e comportamentos observados, mas também suas próprias reações e percepções sobre o contexto estudado, funcionando como um registro contínuo e reflexivo do processo de investigação, como uma forma de documentação que contribui para a análise posterior, ajudando o pesquisador a identificar padrões, nuances e significados nos dados coletados. Ele também serve como um recurso para que o pesquisador acompanhe seu próprio desenvolvimento

e postura durante a pesquisa, promovendo uma visão mais crítica e consciente sobre sua atuação no campo. Para Cachado (2021):

É uma base sólida (o diário), talvez a mais sólida, de registro do dia a dia de um universo populacional, seja ele de que dimensão for. Essa é a sua força enquanto material empírico. Nele encontramos, objetivamente, o modo como são construídas as intersubjetividades nos terrenos etnográficos. (Cachado, 2021, p 558)

Em suma, o diário de campo é uma ferramenta que facilita a organização e a profundidade da análise qualitativa, garantindo que detalhes importantes não se percam no decorrer do estudo.

A ética na pesquisa qualitativa, portanto, mostra-se primordial, enfatizando a importância do consentimento informado, confidencialidade e respeito pelos participantes. Para Minayo e Costa (2018), a relação entre pesquisador e participante deve ser pautada pela confiança e transparência, portanto, em nossa intervenção pedagógica, a identidade dos participantes foi preservada e o produto pedagógico, resultando em textos autorais, foram redigidos de acordo com esta perspectiva.

As temáticas para as atividades realizadas nos Encontros foram escolhidas de acordo com o envolvimento das turmas, que propuseram os temas “Minha rotina diária”, “Como é morar em Queimadas?” e “A importância de estudar”. Durante os encontros, houve acompanhamento individual com base na necessidade de cada aluno, com atividades de pesquisa, leitura e escrita visando incentivar a criatividade e corrigir possíveis dificuldades durante a construção do material. Enquanto pesquisa qualitativa a observação participante e o uso do diário de campo foram, portanto, imprescindíveis para os resultados apresentados neste trabalho.

Acompanhamos a construção do material no decorrer dos encontros, observando a compreensão dos mesmos sobre seus ambientes sociais para que, em seguida, socializássemos os resultados, utilizando conceitos sociológicos como base para interpretação e debate destas diferentes vivências. Esta experiência foi realizada em 8 (oito) encontros de trinta minutos em cada turma selecionada (sendo elas Ciclo V – B e C, que correspondem ao 1º e 2º ano do ensino médio).

Rezende e Campos (2022), ao interpretarem sobre a Escrita de si, definem que ao escreverem sobre si mesmas, as mulheres de seu artigo – Elza Soares, Maria Auxiliadora, Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, rompem com a tradição que as marginaliza, transformando suas histórias em um campo de luta por visibilidade e dignidade. Essa escrita permite que suas vozes alcancem novos espaços e que suas experiências ganhem protagonismo no cenário literário e cultural.

Com a participação em sala de aula, envolvimento nos debates e desempenho nas atividades sugeridas, a maioria dos estudantes se sentiu estimulado, levando-os ao envolvimento na atividade de intervenção sugerida: A escrevivência. Este conceito tomado por nós enquanto um recurso metodológico e pedagógico, utilizado pela escritora Conceição Evaristo, é uma junção do “escrever” e do “viver”, dentro da literatura. A autora enfatiza em seus escritos a vivência de mulheres negras e como a escrita ficcional pode ajudar a entender a realidade de quem a escreve.

Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma

percepção de vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio de sujeito de escrita, proporcionando-lhe a sua auto inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados de lugares ocupados pela cultura de elites, escrever adquire um sentido de insubordinação (Conceição Evaristo, 2007, 16-21)

No sentido de expor aquilo que se vive e sente, Conceição Evaristo nos leva a refletir sobre nossa escrita no mundo, sejam aquelas que fizeram parte de nossas vidas como diários e cartas, seja como percepção do mundo em que vivemos, no caso da intervenção pedagógica, as problemáticas dos assuntos sugeridos na Sociologia, em consonância com suas vivências. Ao juntar este conceito, com o exemplo da Carolina Maria de Jesus, nossos resultados de uma experiência pedagógica no Estágio Supervisionado III seguem nos tópicos a seguir.

2 INTERLOCUÇÕES ENTRE A LITERATURA, AS QUESTÕES SOCIAIS, A ESCRIVÊNCIA E O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EJA

A consolidação da disciplina de sociologia no ensino brasileiro, com especial atenção ao ensino médio, apresenta uma complexidade que remete a questões históricas fundamentais. Amurabi (2015) evidencia como o desenvolvimento do campo é atravessado por oscilações políticas e disputas educacionais que ora valorizam a disciplina, ora a marginalizam. Essa trajetória histórica, delineada pelo autor, demonstra que o ensino de sociologia, especialmente em contextos públicos, tem sido reiteradamente influenciado por agendas governamentais que, em alguns momentos, o promovem como espaço formativo essencial e, em outros, o relegam a uma posição periférica em benefício de disciplinas voltadas ao mercado de trabalho.

A disciplina, como destacado, desempenha um papel fundamental na construção do pensamento crítico e na promoção de uma cidadania ativa entre os estudantes. No entanto, apesar de sua importância, o autor aponta para a precariedade na formação docente em sociologia, um fator que compromete a efetivação de práticas pedagógicas alinhadas com os objetivos da disciplina. Muitas vezes, a formação insuficiente dos professores limita a elaboração de estratégias que promovam uma leitura sociológica mais abrangente, o que restringe o potencial transformador inerente à sociologia. A análise destaca, portanto, uma lacuna expressiva na formação inicial e continuada dos professores, a qual impacta diretamente a qualidade da prática docente e, em última instância, o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes.

Para avançar nesse sentido, Amurabi (2015) defende a implementação de abordagens pedagógicas que ultrapassem o ensino estritamente teórico, incentivando práticas que promovam o engajamento ativo dos estudantes na análise de sua realidade social. Essa perspectiva sugere uma crítica ao currículo rígido e ao ensino tradicional, propondo, como alternativa, métodos mais flexíveis e integrados às vivências dos estudantes, visando uma experiência educacional mais significativa e engajada.

Diante desses desafios, o fortalecimento do ensino de sociologia passa pela valorização da disciplina por meio de políticas públicas que fomentem a formação e atuação de educadores especializados. O autor convoca uma articulação entre docentes e acadêmicos na construção de práticas educativas inclusivas e

reflexivas, fundamentais para consolidar a sociologia como uma disciplina essencial à formação crítica e cidadã dos jovens.

Para Bodart (2017), embora o ensino de sociologia tenha crescido como campo de pesquisa, ele ainda enfrenta desafios estruturais, como a falta de padronização metodológica e uma escassez de publicações focadas especificamente na prática pedagógica. Destaca ainda a necessidade de uma articulação mais robusta entre os pesquisadores e as demandas do ensino médio, sugerindo que o fortalecimento do campo passa pela produção de conhecimento que considere a realidade educacional brasileira e as práticas docentes. O autor defende a importância de uma formação sólida para professores de sociologia e o incentivo à pesquisa voltada à sala de aula, contribuindo para o aprimoramento do ensino e a valorização da disciplina na educação básica.

A Sociologia, como podemos perceber, é apresentada como uma ferramenta essencial para a compreensão das dinâmicas sociais, políticas e culturais que influenciam a vida cotidiana dos estudantes. Para Cavalheiro (2022), essa disciplina desempenha um papel central na formação de cidadãos críticos e conscientes, especialmente em um contexto educacional onde disciplinas voltadas para a formação técnica são frequentemente priorizadas. Ao promover o diálogo e a reflexão crítica, o ensino sociológico oferece aos estudantes a oportunidade de questionarem a realidade social e participarem ativamente dos processos de transformação social. Nesse sentido, o autor defende uma educação que valorize não apenas a instrução técnica, mas também o desenvolvimento da consciência social e política dos estudantes.

O impacto social do ensino de Sociologia, especialmente no contexto da EJA, é um dos pontos centrais para o autor, que argumenta que a disciplina tem o potencial de causar um efeito profundo na maneira como os estudantes da EJA compreendem a sociedade e suas próprias condições de vida, levando em consideração suas experiências sociais diferenciadas em relação aos estudantes do ensino médio regular. Ao valorizar o papel da Sociologia na formação de cidadãos mais conscientes e participativos, o autor reforça a ideia de que a educação sociológica é um agente de transformação social, contribuindo para a formação de uma cidadania ativa, capaz de intervir criticamente nos processos sociais e políticos que moldam suas vidas.

Cavalheiro (2022) nos leva a refletir sobre os desafios enfrentados pelo ensino de Sociologia, tanto no ensino médio regular quanto na EJA. Entre os principais obstáculos identificados estão a formação insuficiente dos professores, a escassez de tempo destinado à disciplina nos currículos, a ausência de materiais didáticos e a desvalorização da Sociologia no contexto escolar. Esses desafios limitam o potencial transformador da disciplina, uma vez que dificultam o aprofundamento das discussões e a aplicação de metodologias pedagógicas mais inovadoras em sala de aula.

Para Cavalcanti Neta (2023) foi necessária uma investigação acerca da percepção dos estudantes da EJA em relação à disciplina de Sociologia em seu processo educacional. Em sua pesquisa, a autora buscou identificar as expectativas, dificuldades e as possíveis contribuições da Sociologia para a formação desses estudantes. Neste sentido, são levantadas questões sobre a relevância deste componente para os estudantes da EJA, analisando como essa disciplina pode influenciar sua compreensão sobre a sociedade e sua participação ativa nela. Ademais, o estudo investiga como os conteúdos sociológicos dialogam com as experiências de vida dos estudantes, bem como as estratégias pedagógicas

adotadas pelos professores para tornar o ensino mais acessível e significativo para esse público, que frequentemente retorna à escola após longos períodos de afastamento.

Em sua metodologia de pesquisa, a autora inclui a realização de entrevistas, aplicação de questionários e observações em sala de aula, com o intuito de dar voz aos estudantes da EJA, permitindo que compartilhem suas percepções e experiências em relação ao ensino da Sociologia. Os resultados obtidos revelam tanto as dificuldades enfrentadas no aprendizado da disciplina, como o uso de vocabulário técnico e a abstração de certos conceitos, quanto o potencial transformador da Sociologia, ao promover uma visão crítica da realidade social.

Sendo assim, refletir sobre a disciplina de Sociologia na atualidade envolve não apenas a análise de metodologias de ensino, mas também das adversidades enfrentadas para sua implementação e permanência no ensino médio.

Considerando as recentes mudanças no currículo do ensino médio no Brasil, observamos os impactos específicos sobre a Sociologia, como a redução do tempo destinado à Sociologia, uma consequência direta da flexibilização curricular proposta pela BNCC (2018). A redução levanta preocupações quanto ao papel da disciplina na formação crítica dos estudantes, uma vez que a Sociologia é fundamental para a reflexão sobre as estruturas sociais, culturais, econômicas e políticas que compõem a sociedade.

Considerando a recente modificação do currículo destinada a educação básica, é necessário que nos perguntemos se, em todos os planos de educação na história do país o objetivo de erradicar o analfabetismo, foi alcançado ou se, pensando numa educação de qualidade, a EJA é pensada também nestes termos. Já que sabemos que a desigualdade social existe, há vulnerabilidade de parte da população em todos os sentidos, inclusive no contexto educacional.

A Lei nº 13.005/2014, que institui o Plano Nacional de Educação (PNE) para o período de 2014-2024, apresenta diretrizes essenciais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil. Entre as metas estabelecidas, destaca-se a importância de ampliar o acesso e melhorar a qualidade dessa modalidade educacional, especialmente para aqueles que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos na idade regular.

A Meta 8 do PNE é de particular relevância para a EJA, uma vez que propõe elevar a escolaridade média da população entre 18 e 29 anos. O objetivo é alcançar, no mínimo, 12 anos de escolaridade, com atenção especial às populações do campo, das regiões de menor desenvolvimento educacional e dos 25% mais pobres da população. Essa meta visa reduzir as desigualdades educacionais, proporcionando oportunidades de continuidade dos estudos para indivíduos que abandonaram o sistema educacional.

Além disso, a Meta 9 estabelece como objetivo a elevação da taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais para 93,5% até 2015, e a erradicação do analfabetismo absoluto até 2024, fim da vigência do PNE. Essa meta também prevê a oferta de educação continuada para jovens e adultos, por meio de programas de EJA articulados à educação profissional, o que visa promover a qualificação dos indivíduos e sua inserção no mercado de trabalho.

Essas metas refletem o compromisso do PNE com a redução das desigualdades sociais e regionais, a inclusão educacional e a promoção de oportunidades de qualificação profissional para jovens e adultos. Portanto, a EJA é tratada como uma ferramenta estratégica para a promoção da justiça social e

desenvolvimento econômico, aspectos essenciais para a melhoria do sistema educacional brasileiro.

Na maior parte das vezes, as necessidades institucionais dos estudantes da EJA são influenciadas por suas condições sociais e culturais, sendo essencial adaptar as práticas educativas a essas especificidades. Alguns buscam a escola para melhorar suas condições sociais e de trabalho, enquanto outros sentem a necessidade de emancipação na sociedade devido à falta de acesso à educação formal na idade apropriada.

A Educação de Jovens e Adultos vai além da simples alfabetização mecânica, ela busca emancipar os estudantes, contextualizando o processo de aprendizagem à sua realidade social e cultural. Em *A Pedagogia da Pergunta* (1985), Paulo Freire e Antonio Faundez propõem que o educador adote uma postura de escuta ativa, planejamento consciente e promoção da participação da base como um instrumento essencial para a construção de uma sociedade mais justa e participativa. Eles destacam a importância não apenas do conhecimento teórico, mas também da valorização das experiências dos educandos, com o objetivo de formar cidadãos críticos, envolvidos e conscientes de seu próprio processo de aprendizagem.

Ao integrar essas dimensões, é possível construir práticas educativas que não apenas transmitem conteúdos, mas também promovem a reflexão sobre as estruturas sociais e as experiências de vida dos educandos. A *escrevivência*, conceito de Conceição Evaristo, pode atuar como um elo entre as vivências pessoais dos estudantes, o contexto literário e a compreensão sociológica da realidade, transformando a educação em um processo de conscientização e empoderamento.

A literatura, especialmente a *Escrevivência*, oferece um ponto de partida poderoso para discutir questões sociais com os estudantes da EJA. Conceição Evaristo cunhou o termo *escrevivência* para descrever uma escrita que não é apenas uma expressão artística, mas um reflexo das experiências de vida de pessoas que vivenciam opressões diárias, como mulheres negras, pobres e periféricas. A *escrevivência* revela histórias de resistência, superação e denúncia das desigualdades sociais, de forma a expor realidades muitas vezes invisibilizadas.

Ao incorporar obras de autores como Conceição Evaristo, Carolina de Jesus e outros escritores da periferia no ensino de Sociologia na EJA, o educador pode aproximar os conteúdos sociológicos das experiências concretas dos estudantes. A vida desses autores dialoga diretamente com as vivências de muitos estudantes da EJA, que também enfrentam situações de marginalização social, econômica, racial e de gênero. Assim, a literatura se torna uma ferramenta pedagógica que não só ensina a estrutura social, mas também valoriza as histórias de vida dos próprios educandos.

O conceito de *escrevivência* permite uma análise sociológica mais profunda, pois as narrativas literárias provenientes das vivências da periferia e das mulheres negras trazem questões centrais para o entendimento da estrutura social brasileira. Racismo, pobreza, desigualdade de gênero e exclusão social são temas recorrentes nessas obras, que podem ser abordados nas aulas de Sociologia para discutir fenômenos estruturais como estratificação social, preconceito, mobilidade social e poder.

Através do diálogo entre Literatura e Sociologia, o ensino na EJA pode contribuir para que os educandos desenvolvam uma leitura crítica de suas próprias realidades. A *escrevivência* permite que os estudantes se vejam refletidos na análise sociológica, reconhecendo as dinâmicas de opressão que moldam suas

vidas, ao mesmo tempo em que encontram na literatura um espaço de resistência e afirmação identitária. Isso reforça a concepção freireana de que o conhecimento deve ser construído a partir da realidade vivida dos educandos, estabelecendo uma pedagogia emancipadora (Freire, 1985).

O ensino de Sociologia na EJA, quando associado à literatura de escrivência, oferece uma oportunidade para os educandos se posicionarem como sujeitos ativos de suas aprendizagens. Ao lerem e discutirem narrativas que abordam as desigualdades sociais de maneira “visceral”, os estudantes podem não só compreender os conceitos sociológicos de forma mais acessível, mas também ressignificar suas próprias experiências.

Esse processo tem um impacto direto na construção da consciência crítica dos estudantes. Ao reconhecerem na escrivência um espelho de suas próprias histórias, eles são incentivados a questionar as condições sociais que perpetuam a exclusão e a desigualdade, transformando a sala de aula em um espaço de diálogo e ação social. A literatura, nesse sentido, não se restringe a uma atividade de leitura, mas se torna uma ferramenta de análise crítica da sociedade e de promoção da cidadania ativa.

O ensino de Sociologia na EJA enfrenta o desafio de trabalhar com uma população muitas vezes marcada por trajetórias de exclusão escolar e social, o que demanda abordagens pedagógicas que valorizem as experiências de vida dos estudantes. A escrivência pode atuar como um mediador poderoso nesse processo, pois possibilita a criação de pontes entre o conteúdo formal da Sociologia e as realidades concretas dos educandos.

Ao trazer para a sala de aula autores que falam diretamente sobre questões de raça, classe e gênero, o(a) professor(a) abre espaço para que os estudantes reflitam sobre suas próprias condições de vida, discutam questões estruturais e proponham ações transformadoras em suas comunidades. Isso pode fortalecer o sentido de pertencimento e a valorização da identidade de pessoas que, muitas vezes, não tiveram suas vozes ouvidas no sistema educacional tradicional.

Baseando-se em sua experiência como educadora e ativista, Hooks (2013) propõe uma educação que rompe com os modelos tradicionais e opressores, promovendo uma pedagogia engajada, libertadora e inclusiva, onde a educação se apresenta como ato político e prática libertadora.

O conceito central de Hooks (op.cit) é que a educação deve ser uma prática de liberdade. Ela critica os modelos educacionais hegemônicos, que tendem a perpetuar a dominação, a opressão e a marginalização de grupos historicamente excluídos, como negros, mulheres e trabalhadores. Em contraste, ela propõe uma educação libertadora que, inspirada no pensamento de Paulo Freire, deve ser dialógica, crítica e engajada. A educação, nesse sentido, é um espaço de transformação, onde estudantes e professores se encontram em pé de igualdade e participam juntos da construção do conhecimento. Hooks acredita que a prática pedagógica deve estimular o desenvolvimento de um pensamento crítico, onde os estudantes se tornem agentes ativos de suas próprias aprendizagens e possam questionar as estruturas de poder e opressão que os circundam.

Para Bell Hooks, ensinar a transgredir significa desafiar as normas e as hierarquias estabelecidas na sala de aula e na sociedade. A autora critica a abordagem tradicional de ensino que muitas vezes silencia as vozes dos estudantes, especialmente daqueles de grupos marginalizados. Assim sendo, defende que a academia deve se abrir para as experiências de vida e para o saber

popular, integrando diferentes formas de conhecimento e valorizando as narrativas daqueles que foram historicamente silenciados.

Ela defende uma pedagogia engajada que valoriza a diversidade e que encoraja os estudantes a expressarem suas ideias e experiências de vida, promovendo um ambiente de diálogo e respeito mútuo. A transgressão, nesse contexto, não é uma rebeldia destrutiva, mas uma busca constante por novas formas de pensar e agir no mundo, um processo de emancipação intelectual e social. Para ela, é crucial que os educadores compreendam as complexidades das identidades dos estudantes e levem em consideração suas experiências culturais e sociais na prática pedagógica.

Em tudo sobre o amor, Hooks (2021) destaca a importância de falar sobre o amor em todos os contextos, assunto abordado em todas as suas obras. A inclusão do amor torna-se assim necessária também na educação, pois em um contexto em que o ensino tradicional muitas vezes ignora as emoções e o cuidado no processo de aprendizagem, a proposta de uma educação baseada no amor e no compromisso ético, significa criar um ambiente de confiança, respeito e acolhimento, onde os estudantes possam se sentir seguros para expressar suas ideias e sentimentos.

O amor pedagógico, como apresentado pela autora, está profundamente relacionado à prática da liberdade. Ensinar com amor é, para ela, um ato de resistência às forças opressoras que desumanizam os sujeitos. Um ensino transformador só é possível quando os professores demonstram genuíno interesse pelo bem-estar dos estudantes, criando um ambiente propício ao crescimento intelectual e pessoal. Nesse sentido, o amor, longe de ser uma abordagem sentimentalista, é visto como uma força política que potencializa a transformação social e individual.

Por fim, a crítica da separação entre razão e emoção na educação tradicional, propondo uma prática pedagógica que valorize a totalidade do ser humano. A aprendizagem, segundo Hooks, deve ser um processo holístico que envolva tanto o intelecto quanto as emoções, proporcionando uma experiência educativa mais rica e completa.

3 O CAMPO DE PESQUISA, O TERRITÓRIO, A ESCOLA E A EJA

A cidade de Queimadas-PB abriga a nossa Escola de Estágio Supervisionado I, II e III. No início da história da cidade, as escolas eram abrigadas provisoriamente em residências. Anos depois, foram construídas as duas primeiras escolas que seriam o Grupo Cônego Oscar Cavalcanti e a Escola Municipal Veneziano Vital do Rêgo e “foi somente no início da década de 70 que começou a construção do ‘Ernestão’ como escola municipal e depois passando à Estadual” (Lopes, 2010).

A ECIT Francisco Ernesto do Rêgo – Ernestão, foi criada em 1975, na administração do Prefeito Sebastião de Paula Rego. Começou a funcionar no grupo Escolar Municipal Veneziano Vital do Rêgo, inicialmente no centro da cidade, na administração do Prefeito Municipal Saulo Leal Ernesto do Rêgo de Melo. Em 01/06/1977, através da resolução nº 38/77 do Conselho Estadual da Educação, a Escola foi autorizada a funcionar com o ensino de 5ª a 8ª série do 1º grau.

Por meio da Lei Municipal Nº 10 de 20/10/1981, foi implantado o Ensino de 2º grau na Escola. O Decreto de Nº 9.568 de 12/08/1982, estadualizou o Colégio Municipal Francisco Ernesto do Rêgo, quando na época era governador da Paraíba, o Sr. Clóvis Bezerra Cavalcanti.

Observamos na escola que os estudantes que residem na cidade chegam a pé, já que não há transporte coletivo disponível na área urbana. Em contraste, os estudantes da zona rural dependem do transporte escolar municipal para se deslocarem até a instituição. Em dias de chuva intensa, como ocorreu em 15 de maio de 2024, tanto professores quanto alunos enfrentam dificuldades, uma vez que algumas áreas da cidade ficam alagadas e, em outros bairros, há formação de nevoeiro. Nesse dia, por exemplo, as fortes chuvas provocaram queda de energia em grande parte da cidade, e a maioria dos estudantes não conseguiu chegar à escola devido à interdição das estradas.

A Escola está localizada no bairro Vila, na área urbana da cidade, embora uma parte significativa dos estudantes resida na zona rural. Próximo à escola, encontram-se bairros periféricos urbanos conhecidos como Boca do Boi e Invasão, caracterizados por terrenos acidentados e casas antigas, anteriormente pertencentes ao governo.

O campus escolar ocupa um quarteirão e, em sua maioria, o prédio tem sido bem conservado ao longo dos anos. Contudo, houve períodos em que o número de estudantes ultrapassou a capacidade do edifício, o que levou à implementação de estratégias como o aluguel de outros espaços, a divisão de salas de aula no ginásio poliesportivo por meio de divisórias de madeira, e, mais recentemente, durante a reforma do prédio principal, a transferência das aulas para o Clube Social, que pertence à prefeitura e está localizado no centro da cidade.

Ao lado da escola, há uma pequena praça com apenas dois bancos. Em frente à escola, encontram-se duas lanchonetes: uma delas, mais próxima ao muro da escola, é preferida pelos estudantes; a outra, com mesas e cadeiras, é frequentada principalmente pelos professores, que, por terem permissão para sair da escola, costumam ser vistos lá durante os intervalos.

A escola dispõe de um estacionamento fechado, mas os professores, em geral, estacionam seus veículos em frente ao prédio. Isso ocorre porque há apenas um porteiro responsável por todos os portões, e, de acordo com a gestão escolar, é necessário priorizar o portão principal, o que torna inviável abrir o portão do estacionamento sempre que solicitado.

Em termos de recursos materiais, segundo o Regimento Interno da Escola, o prédio conta com uma cozinha relativamente bem equipada, onde são oferecidas refeições diferenciadas (jantar) para os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), levando em consideração que a maioria dos estudantes chega à escola diretamente do trabalho. O número de carteiras nas salas de aula é adequado, e há mesas disponíveis para os professores.

A cidade, conforme o Censo 2022 do IBGE, tem uma população de 47.658 habitantes, com destaque para o número significativo de jovens tanto da zona urbana quanto da rural. Muitos estudantes que residem nas proximidades da escola deslocam-se a pé, já que o município não dispõe de transporte público. Já os estudantes da zona rural utilizam o transporte escolar, que os deixa e busca diretamente em frente à escola.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96, em seu artigo 35º, os componentes curriculares obrigatórios, que integram as áreas de conhecimento, são: I – Linguagens (língua portuguesa, língua materna para populações indígenas, língua estrangeira moderna – inglês e espanhol, artes e educação física); II – Matemática; III – Ciências da Natureza (biologia, física e química); IV – Ciências Humanas (história, geografia, filosofia e sociologia); V – Parte diversificada do

currículo (Projeto de Vida, orientação de estudos, prática experimental, disciplinas eletivas e avaliação semanal); e VI – Base Técnica (vendas e informática básica).

A Escola Estadual de Ensino Médio Francisco Ernesto do Rêgo também oferece a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) para o nível médio, destinada a pessoas que não concluíram seus estudos. Esta oferta segue as diretrizes da Resolução nº 229/2002, de 25 de julho de 2002, que regulamenta a EJA no Sistema Estadual de Ensino.

Art. 31 - A Educação de Jovens e Adultos – EJA –, nas etapas do ensino fundamental e médio, com oferta de ensino presencial nas unidades de ensino da rede estadual, é organizada da seguinte forma: 1) Idade mínima de dezoito anos completos e comprovação de conclusão do ensino fundamental, para ingresso no ensino médio, organizado com 1.200 horas, trabalhadas em 3 semestres, distribuídas em 3 etapas com 100 dias letivos e 400 horas cada; 2) exigência de frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) do total de horas do período letivo para promoção tanto no ensino fundamental como no médio.

Atualmente, segundo a gestão escolar, segundo entrevista concedida em novembro de 2022: “Há 1.481 alunos matriculados, ta em volta, no último levantamento que fizemos, dos quais 404 estão na EJA e 284 no Ensino Regular noturno e os demais no ensino integral técnico”.

Considerando que o horário integral exige dedicação exclusiva do estudante à formação escolar e técnica, aqueles que não conseguem se adaptar neste sistema não encontram opções na cidade, pois existe apenas esta escola pública de Ensino Médio. Em nossos Encontros foi possível identificar estudantes que interromperam os estudos para trabalhar ou cuidar dos filhos, como é possível observar nos seguintes trechos:

Acordo as 5:30 AM, me arrumo e tomo café, 6:10 AM saio de casa para ir trabalhar, vou de bicicleta para o Ligeiro que é onde trabalho. Trabalho numa empresa de Metalúrgica, 17:00 AM saio do trabalho, quando chego em casa como alguma coisa, tomo banho, me arruma e vou para o colégio, 22:00 PM chego em casa, um tempo depois vou dormir, e essa é a minha rotina da semana. (escrito pelo estudante C.D.)

Depois de 17 anos, senti o desejo de voltar a estudar e confesso que estou muito feliz, mesmo não sendo tão fácil pois com trabalho, criança pequena tudo fica mais difícil, mais sei que irei conseguir e jamais pretendo desistir. (escrito pela estudante S.S.S.V.)

Tive problema de saúde, me cuidei sozinha, fiz Hemodiase por 1 ano e 8 meses fui trasplantada. Hj estou morando na Paraiba contra vontade. Mais diante disso tudo veio a vontade de voltar a estudar fui incentivada por um medico, Vou terminar o encino medio e cursar uma facudade de nutrição. (Escrito pela estudante E.T.S.)

Bom minha rotina é acordar as 5:30 da manhã, dar banho nas minhas duas filhas gemêas de 7 anos arrumar elas, fazer o café da manhã pra depois ir deixar elas na escola, assim que deixar elas, vou tomar café e ir arrumar a casa, fazer o almoço, porá de 11:00 buscar elas depois do almoço vou deixar meu outro filho de 5 anos na escola de 13:00, quando chego vou ensinar as atividades de casa para as meninas, lavar a louça do almoço e me organizar para de 18:30 vir para escola. (Escrito pela estudante A.R.)

Podemos observar, por meio desses trechos, a necessidade dos estudantes do EJA por um ensino que se adapte às suas vivências pessoais, sejam elas

familiares ou relacionadas ao trabalho. Ao escreverem sobre sua rotina diária, relatam as atividades profissionais que desempenham e explicam a escolha pelo horário noturno, sem o qual não teriam condições de estudar.

Com a nova configuração de horários nas escolas, a única alternativa para a conclusão da educação formal é o Ensino Médio regular noturno ou a Educação de Jovens e Adultos também oferecida nesse período, possibilitando, assim, a conciliação com outras atividades cotidianas.

3.1 A EJA na escola e sua importância na garantia do direito à educação

No Brasil, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem uma trajetória histórica que remonta ao período imperial, passando por várias fases até a criação do Ministério da Educação e a implementação de políticas como o Plano Nacional de Alfabetização em 1947. Conforme Becker (2020), nas décadas de 1960 e 1970, programas como o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) buscaram promover a alfabetização em massa, embora tenham enfrentado críticas relacionadas à sua qualidade e efetividade.

Com a redemocratização e a promulgação da Constituição de 1988, a educação consolidou-se como um direito universal, abrangendo aqueles que não tiveram acesso à escola na idade adequada. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 incorporou assim, a EJA como modalidade da educação básica, o que resultou em novos esforços para ampliar o acesso e melhorar a qualidade desse ensino. Apesar desses avanços, a EJA ainda enfrenta grandes desafios, como financiamento insuficiente, alta evasão escolar, falta de formação pedagógica específica para os professores e dificuldade de alinhar o ensino às demandas do mercado de trabalho e às necessidades dos estudantes.

Becker (2020) enfatiza a importância de uma abordagem que leve em consideração a diversidade dos estudantes da EJA e suas realidades socioeconômicas. A autora argumenta que a EJA deve ser vista não apenas como uma oportunidade de formação acadêmica, mas também como uma ferramenta de inclusão social e cidadania. Ela defende que o sucesso da EJA depende de currículos flexíveis, adaptados às necessidades dos estudantes, e de um compromisso contínuo com políticas públicas de longo prazo que promovam a equidade educacional.

Mafra (2018) complementa essa análise, destacando que a EJA deve ir além da alfabetização e escolarização básica, promovendo uma formação crítica e cidadã. Segundo a autora, a EJA tem um papel crucial na inclusão social de jovens e adultos marginalizados pelo sistema educacional tradicional. Ela defende que a educação em direitos humanos é essencial para fortalecer a cidadania e permitir que os estudantes compreendam suas posições na sociedade, lutando por uma vida mais justa e digna. Ela também ressalta a importância de políticas públicas que contemplem essa dimensão, visto que ela contribui para a formação de cidadãos críticos, autônomos e socialmente conscientes.

Ao revisitar Paulo Freire, tanto Becker quanto Mafra destacam a relevância de seus conceitos de conscientização, educação dialógica e luta contra desigualdades sociais. Bär e Couto (2018), por exemplo, exploram o legado de Freire, sublinhando que sua obra permanece atual ao propor uma educação que emancipa, desenvolve a consciência crítica e promove a transformação social. Elas defendem que a pedagogia freiriana continua sendo um caminho potente para enfrentar desafios

contemporâneos, como a mercantilização da educação e a desvalorização do ensino público.

Sanceverino (2017), em linha com essa perspectiva, argumenta que o trabalho, enquanto atividade humana essencial, deve ser um princípio educativo na EJA, promovendo a emancipação social. Para ela, o currículo deve valorizar o saber dos estudantes, respeitar suas experiências de vida e promover o diálogo entre o conhecimento acadêmico e o prático. Ao adotar essa perspectiva crítica, o trabalho pode se tornar um meio para a formação integral dos indivíduos, contribuindo para a transformação social e para a superação das condições de opressão.

No que se refere ao investimento e ao compromisso com a EJA, Pierro e Haddad (2015) apontam que, a partir dos anos 2000, o Brasil adotou importantes iniciativas, como o Programa Brasil Alfabetizado, com o objetivo de ampliar o acesso à alfabetização de jovens e adultos. No entanto, os autores também discutem as limitações dessas políticas, como a descontinuidade de programas, o financiamento inadequado e a dificuldade de integrar a EJA nas políticas educacionais de forma mais sustentável. Eles destacam a tensão entre as demandas sociais internas e as pressões externas, provenientes das metas globais. Embora o Brasil tenha se comprometido com diretrizes internacionais, muitas vezes as políticas nacionais ficaram aquém das expectativas, em grande parte devido à falta de prioridade política e subfinanciamento.

As análises desses autores(as) evidenciam a necessidade de um compromisso contínuo com a EJA, que promova não apenas a escolarização básica, mas também a inclusão social, a formação crítica e a emancipação dos sujeitos.

No contexto da EJA, o conceito de configuração desenvolvido por Norbert Elias oferece uma lente interpretativa para entender as relações sociais que se estabelecem entre os sujeitos escolares. Segundo Elias (1994), a configuração refere-se à rede interdependente de indivíduos e grupos, cujas ações e identidades são moldadas pela dinâmica social em que estão inseridos. No caso da EJA, essa configuração envolve adultos de diversas idades, experiências de vida e condições socioeconômicas, os quais se relacionam com professores, gestores e a comunidade escolar de maneira a criar um espaço social complexo e diversificado.

As interações dentro da EJA, sob a perspectiva de Elias, constituem uma rede de interdependências marcada pela busca não só por alfabetização ou escolarização formal, mas também por reconhecimento e inclusão social. Nesse ambiente, a sala de aula se configura como um espaço de trocas de saberes que transcendem os conteúdos curriculares, incluindo a valorização das experiências de vida dos estudantes e o respeito pelas diferentes realidades que trazem consigo. Essas interações permitem que cada sujeito – alunos e educadores – seja influenciado e, simultaneamente, influencie a construção coletiva do saber (Elias, 1994).

No ambiente da EJA, o professor não atua apenas como transmissor de conhecimento, mas como facilitador de um processo educativo que leva em conta as particularidades e as demandas dos estudantes, buscando estabelecer uma configuração social em que a troca e o diálogo são centrais para o desenvolvimento pessoal e cidadão.

Além disso, essa configuração de interdependências na EJA é marcada por tensões entre as necessidades dos alunos e os limites institucionais, como a escassez de recursos, a falta de formação específica para professores e as políticas públicas ainda insuficientes para atender plenamente a esse público. Tais barreiras

limitam o potencial transformador da EJA, uma vez que a continuidade e a qualidade desse tipo de educação são comprometidas pela falta de apoio institucional. Ainda assim, a rede de relações na EJA permite que os estudantes desenvolvam uma consciência crítica sobre sua posição social e construam, por meio do aprendizado coletivo, uma base para sua inclusão plena na sociedade (Mafra, 2018; Pierro & Haddad, 2015).

Portanto, o conceito de configuração de Elias (1994) ajuda a compreender como as redes de interdependência social na EJA contribuem tanto para o desenvolvimento individual dos estudantes quanto para a criação de um ambiente educacional que reflete as demandas e experiências daqueles que historicamente foram marginalizados pelo sistema escolar convencional. Essa perspectiva é essencial para o fortalecimento da EJA como um espaço que promove não apenas a escolarização formal, mas também a formação crítica e emancipatória dos sujeitos, contribuindo para uma sociedade mais justa e inclusiva.

4. O ESTÁGIO DOCENTE SUPERVISIONADO E O USO DA LITERATURA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA

A relevância da disciplina de Sociologia no contexto da EJA, elaborada por Soso e Messer (2018), ressaltam que o ensino de Sociologia é essencial para a formação crítica e cidadã dos estudantes, possibilitando a reflexão sobre suas realidades sociais e a construção de um entendimento mais aprofundado das dinâmicas sociais, políticas e econômicas que os envolvem. A discussão abrangendo os desafios enfrentados na implementação do ensino da Sociologia na EJA, enfatizando a necessidade de adaptação de conteúdos e metodologias que atendam às particularidades e experiências de vida dos estudantes foram de crucial importância para nosso projeto de intervenção pedagógica.

A Sociologia pode proporcionar uma aprendizagem significativa ao estabelecer conexões entre teorias sociais e as vivências dos estudantes, estimulando um olhar crítico sobre a sociedade. Para as autoras, é importante enfatizar práticas pedagógicas inclusivas e participativas que valorizem a voz e a experiência dos estudantes, pois ao integrar a Sociologia no currículo da EJA de forma contextualizada e reflexiva, é possível contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e atuantes em suas realidades sociais.

4.1 A sequência didática e os resultados da intervenção pedagógica

A incorporação das Escrevivências de Conceição Evaristo e os escritos de Carolina Maria de Jesus no ensino de Sociologia apresentou-se, neste projeto, como uma estratégia pedagógica significativa. Primeiramente, tal abordagem evidencia questões centrais relacionadas à raça, classe e gênero, as quais são frequentemente sub

representadas ou abordadas de maneira superficial no currículo tradicional. As escrevivências, ao serem introduzidas no contexto educacional, proporcionam aos estudantes a oportunidade de desenvolver uma visão crítica acerca das estruturas sociais que influenciam a vida cotidiana, bem como das formas de opressão que incidem sobre grupos historicamente marginalizados.

Segundo Ribeiro et al. (2021), essa metodologia inova ao transformar experiências individuais em materiais de reflexão social. Ao fazer uso das narrativas pessoais, a proposta rompe com as tradições pedagógicas de base eurocêntrica,

possibilitando o protagonismo de sujeitos anteriormente invisibilizados no âmbito educacional, além de deixar a possibilidade de trabalhar a interseccionalidade em sala de aula. Nesse sentido, há uma valorização da subjetividade e das experiências vividas como fontes legítimas de conhecimento, o que desafia a visão de que apenas a teoria acadêmica ou os grandes nomes da Sociologia possuem validade epistemológica.

Essa perspectiva pedagógica alinha-se aos princípios da pedagogia crítica de Paulo Freire utilizadas até os dias atuais (Couto et al, 2018), que destaca a importância de conectar o processo de ensino-aprendizagem à realidade concreta dos estudantes, promovendo, assim, uma educação libertadora (Freire, 1985). Ao incluir as escrituras de Evaristo, o currículo é enriquecido por uma diversidade de vozes e perspectivas, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos em relação às questões sociais estruturantes da sociedade.

A sequência didática tem como proposta trabalhar questões sociais, através da obra Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus e o conceito de escritura de Conceição Evaristo, dividindo-se em diversos Encontros com atividades progressivas que visam a introdução, exploração e reflexão crítica dos estudantes sobre as temáticas abordadas.

No Encontro I, ocorreu a introdução da temática. A ementa foi apresentada, juntamente com a obra Quarto de Despejo e o conceito de escritura, como proposto por Conceição Evaristo. O Encontro iniciou com a leitura de um trecho de Evaristo (2016), que problematiza a relação entre o vivido e o narrado, destacando que, mesmo em narrativas reais, há sempre uma lacuna entre o fato e sua escrita, o que caracteriza a escritura como um relato das vivências a partir da literatura. Nesse encontro, foram abordados temas como classe social, urbanização, favelização, maternidade e trabalho precarizado. O objetivo deste encontro foi apresentar esses temas a partir da biografia de Carolina Maria de Jesus e sua obra, em 30 minutos, seguidos de debates e participação ativa dos estudantes. Vejamos as figuras 1, 2 e 3 utilizadas como recursos pedagógicos no Encontro I, com a temática Carolina Maria de Jesus e sua Biografia. Os recortes abaixo Figuras 1 e 2 foram distribuídos para que os estudantes fizessem a colagem em seus cadernos e a Figura 3 é um texto compilado por nós para leitura e discussão em sala, vejamos:

Figura 1 – Autora Carolina Maria de Jesus em seu barraco na Favela Canindé, onde escreveu sua primeira obra.



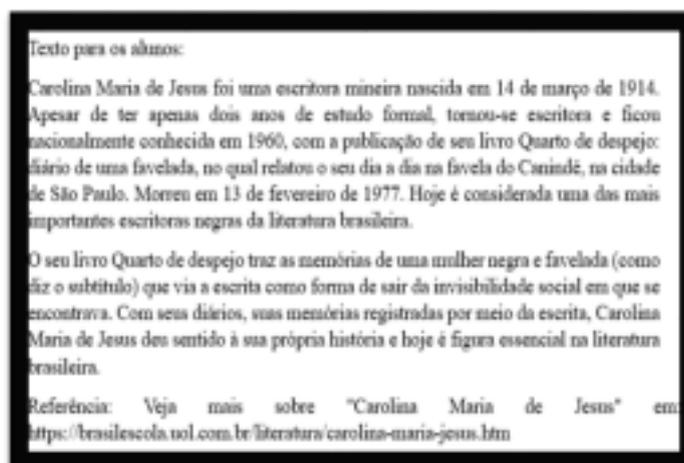
Fonte: Disponível em Carolina Maria de Jesus: biografia e obras - Brasil Escola (uol.com.br)

Figura 2 – Carolina Maria de Jesus sorrindo em frente a seu barraco



Fonte: Carolina Maria de Jesus: biografia e obras - Brasil Escola

Figura 3 – Biografia de Carolina Maria de Jesus



Fonte: Carolina Maria de Jesus: biografia e obras - Brasil Escola

Este primeiro Encontro foi realizado no Ciclo V – C e, ao entregar as imagens da Carolina Maria de Jesus a todos, pedimos que observassem e dissessem o que viam na imagem. Eram duas imagens diferentes, a primeira da Carolina escrevendo (Figura 1) e a outra dela em frente ao seu barraco, sorrindo (Figura 2). As imagens foram entregues de forma aleatória. À medida que eles diziam o que viam, íamos anotando na lousa os assuntos que a sociologia poderia trabalhar através daquelas observações. Nesta turma foram anotadas as palavras MULHER, FAVELA, ESTUDOS, NEGRA. Fiz referência com assuntos abordados na sociologia como GÊNERO, URBANIZAÇÃO, ESCOLARIDADE E RACISMO, para que os mesmos pudessem entender como uma imagem, um local, uma autora podem trazer à tona assuntos aparentemente esquecidos, estão ao nosso redor e em nossa vivência.

Em seguida, apresentamos a biografia da Carolina Maria de Jesus (figura 3), já impressas para otimizar o tempo e pedimos que lessem e colassem em seus cadernos tanto a figura (1 ou 2) quanto o texto sobre a autora. Perguntas como “Vocês acham que esta mulher estava em condições de escrever um livro?” “Até que ano escolar vocês acham que ela estudou?” “Alguém aqui, sendo mãe, trabalhadora e com pouca escolaridade acha que ela foi uma pessoa que se superou”?

Observamos que uma das estudantes trazia seus três filhos para a sala de aula e ficou atenta neste momento. Portanto, à medida que surgiu a curiosidade dos mesmos, seguimos para a última parte da aula, entregando folhas em branco e pedindo que escrevessem durante a semana sobre o tema “Para que estudar?” considerando que se encontram no EJA e em algum momento a escolaridade regular foi interrompida.

Na turma seguinte, a professora cedeu a aula de Geografia (a professora Luisa assume as aulas de Sociologia e Geografia nas turmas de Ciclo V) para que pudéssemos otimizar o tempo de Estágio. Nesta turma (Ciclo V – B) seguimos a mesma dinâmica. Os estudantes demonstraram mais interesse e maior participação, inclusive um dos estudantes falou todas as características da figura 1 e tivemos que interrompê-lo para dar oportunidade aos demais. As palavras que surgiram foram BARRACO, TEMPO DA FOME, MULHER NEGRA, ESCRITA. Da mesma forma, relacionamos com os estudos da sociologia e de como podemos pensar a vivência daquela mulher da imagem. Nesta turma houveram exemplos de como era ser mãe solo, de ter visitado uma favela (muitos estudantes já foram), da importância de estar na escola. Ao perguntar quem era mãe na turma, todas as mulheres levantaram a mão e decidiram, depois de toda a dinâmica utilizada na aula anterior, seguir para o conto Olhos D’água de Conceição Evaristo ao invés de uma parte do diário de Carolina Maria de Jesus, tal como estava planejado. Consideramos a proximidade com o dia das mães. Por se tratar de um conto, para que não houvesse alunos dispersos, lemos juntos e em voz alta. Ao final da leitura, um aluno estava emocionado e outra aluna decidiu levar para a mãe dela. Aparentemente, todos gostaram.

Assim sendo, propomos a escrita e dissemos que poderíamos fazer um livro, assim como a autora apresentada, eles riram, mas ficaram empolgados em escrever algo. Distribuí as folhas para que me entreguem na semana seguinte (7 dias para a escrita deste texto) e por se tratar de uma turma bastante participativa, deixamos com que eles mesmos propusessem o tema, eles escolheram “MINHA ROTINA DIÁRIA”. Por fim, a professora também pediu uma folha para escrever e disse que também participaria da atividade.

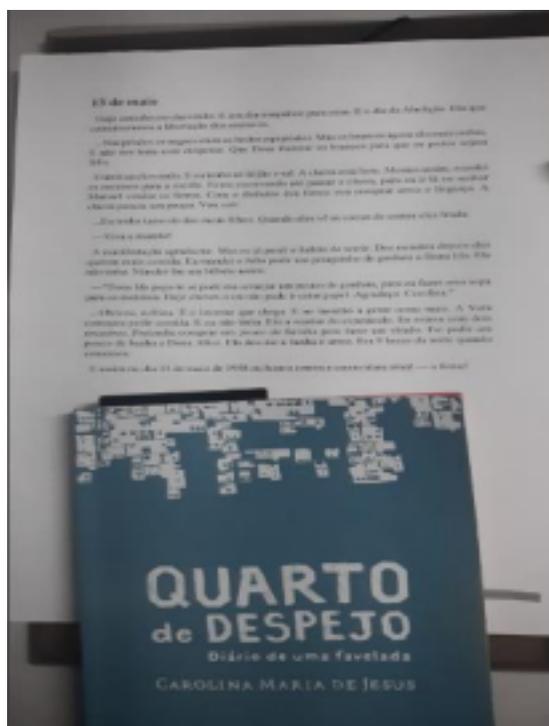
No Encontro II, ainda na fase introdutória, os estudantes leram trechos selecionados das obras de Carolina Maria de Jesus. O Encontro, também de 30 minutos, utilizou trechos impressos como recurso metodológico, seguidos de discussão sobre os temas abordados. Há um incentivo à identificação dos estudantes com o conteúdo, relacionando as experiências da autora com a realidade dos estudantes, promovendo assim uma análise sociológica dos textos. Segundo a professora supervisora da disciplina na escola, seria interessante utilizar os horários de suas aulas em geografia para intensificar o debate ao assunto, assim sendo, foram cedidos os horários das aulas de geografia para que o projeto fosse elaborado, organizando o projeto da seguinte maneira:

Quadro 1 – Horários disponibilizados para os encontros de Estágio III

TURMAS E HORÁRIOS	CICLO V - A	CICLO V - B	CICLO V - C
TERÇA	Sociologia 21-21:30h		
QUARTA		Sociologia 19-19:30h	
QUINTA		Geografia 19:30-20:30h	Sociologia 19-19:30h
SEXTA	Geografia 19:30-20:30h		Geografia 20:30-21:30h

Fonte: Quadro elaborado pela Supervisora do Estágio na ECIT, 2024

O Encontro III dá continuidade à leitura de trechos da obra de Carolina Maria de Jesus. A metodologia segue a mesma da semana anterior, com leitura, discussão e análise sociológica dos textos, aprofundando o entendimento crítico dos estudantes sobre as temáticas sociais presentes nas obras da autora. Caso necessário, novos trechos seriam distribuídos. Segue a Figura 4 de um dos trechos distribuídos com os estudantes:

Figura 4- Trecho da Obra Quarto de Despejo

Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Na sala de aula, compareceram apenas 4 alunos, devido às fortes chuvas que caíram à tarde, pois as estradas ficaram interditadas e a maior parte dos ônibus escolares não conseguiram passar nas estradas rurais. Nesta turma (Ciclo V - B),

todos são interessados e atenciosos, por isto o conteúdo foi debatido sem interrupções e os estudantes pediram que, os últimos 5 minutos de aula fossem direcionados para o refeitório, pois neste dia estava sendo servido munguzá e os mesmos não tiveram tempo de jantar antes do horário da aula.

Nesta turma, tratamos sobre Desigualdades sociais através de um trecho do livro "Quarto de Despejo" e foi solicitado que eles mesmos dissessem de onde vem a desigualdade e o que entendem sobre. Através da compreensão dos mesmos, surgiram palavras como: Acesso à escola, gênero, trabalho e dinheiro.

No Encontro IV, a atividade proposta envolveu a exibição de documentários sobre a vida de Carolina Maria de Jesus, com destaque para o tema classe social. O documentário "Caminhos da Reportagem - Carolina de Jesus, a escritora além do quarto" e outros vídeos foram utilizados como base para um debate sobre a relevância social e histórica da autora. A avaliação se deu por meio da participação no debate e pela relação dos estudantes com situações de vida similares às de Carolina de Jesus.

O Encontro V marca a introdução do conceito de escrevivência, proposto por Conceição Evaristo. A aula inclui a leitura de um trecho da obra de Evaristo (2020), no qual ela relata sua introdução à escrita e como esse gesto está profundamente ligado à ancestralidade. Os estudantes são convidados a escrever sobre suas próprias vivências, conectando-as ao conceito de escrevivência. O objetivo é fomentar a reflexão crítica sobre suas próprias realidades e experiências, por meio de um exercício de escrita pessoal. Tivemos a visita da professora orientadora do Estágio Supervisionado na Universidade Estadual da Paraíba, que observou de perto as atividades executadas, conforme as Figuras 5 e 6.

Figura 5 – Encontro realizado no Ciclo V- B



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Figura 6 – Encontro realizado no Ciclo V - C



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Durante a visita da orientadora à escola, pudemos jantar a merenda servida aos estudantes da EJA e neste dia foi servido macaxeira com arroz e carne moída. Alguns estudantes chegam bastante cedo na escola e já nos cumprimentam.

A primeira aula foi no Ciclo V – C, e por se tratar de apenas uma aula, fizemos um exercício de leitura de um trecho do diário da Carolina Maria de Jesus e recomendei que os mesmos fizessem um texto relacionado à rotina diária, tema sugerido por outra turma. Nesta turma, chamei atenção de dois alunos que copiaram o exercício de escrita da internet e ainda fizeram a atividade igual (com o mesmo texto, apenas mudando algumas palavras).

Em seguida, fomos para a sala do Ciclo V – B, na qual a maior parte dos estudantes fizeram as atividades, participaram e debateram. Lá, também fizemos um exercício de leitura, recomendei que fizessem um texto sobre Como é o lugar em que moram, seja para que falassem da comunidade, da rua ou da cidade como um todo. Por fim, exibimos uma entrevista sobre estudiosos da Carolina, com duração de 11 minutos.

No Encontro VI, atividades práticas de escrita literária são introduzidas com o intuito de avaliar o entendimento dos estudantes sobre o conceito de escrevivência e sua capacidade de aplicá-lo em suas produções textuais. A aula segue com uma proposta de escrita monitorada, em que os estudantes são incentivados a compartilhar suas dificuldades e avançar em suas construções textuais.

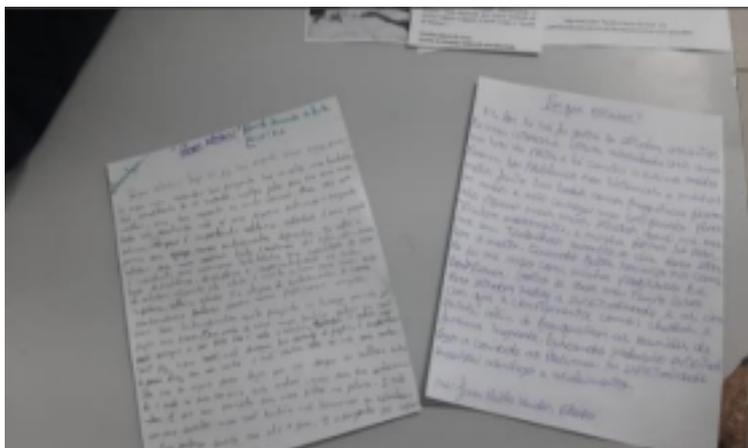
Durante este Encontro, enquanto estávamos no Ciclo V - B, a gestão da escola e todos os professores convidaram a todos para um passeio ao Parque de exposições, e apenas uma aluna decidiu continuar em sala de aula, pois a mesma queria colocar as atividades em dia e o texto que havia entregue, claramente havia sido copiado da internet. Não comentamos que havíamos percebido, pois a mesma havia caprichado no trabalho, estava bonito, organizado, com capa, mas pedi que refizesse com as próprias palavras, assim ela começou a relatar (de forma oral) como foi a sua vida e porque havia interrompido os estudos por alguns anos. Com seu relato, pude montar um esquema de como seu texto poderia ser estruturado com ela, e na lousa mostrei que era possível fazer um bom texto com a própria história e com as próprias palavras. Ali passamos uma hora conversando e ela disse que faria. A mesma se comprometeu a elaborar o próprio texto, segue o texto final desta estudante:

Hoje dia 22/04 acordei 6hs, ultimamente estou me sentindo muito indisposta então fiquei deitada mais um pouco. Levantei 6:30hss fiz meu café tomei e fiquei no celular um pouco, mais pensando no que eu tinha que fazer (minhas obrigações diárias, mais meu corpo não reaje. E isso mim deixa triste e angustiada. meu esposo chegou do trabalho e fiz café pra ele e contei o que estava acontecendo dentro de casa na sua ausencia e isso ta me fazendo desistir de conviver em familia e me fazendo muito mal e como sempre não tive apoio nem um. Pois meu esposo levo tudo na brincadeira. Então fui para a casa da minha mãe e passei o restante do dia lá, so voltei na hora da escola. [...] Lembro-me quando criança fui matriculada na escola perto de minha casa, mais fui matriculado mais por uma regra da sociedade. Então não me fararam o quanto era importante os estudos. Depois troque de colegio mais distante de casa foi que fui intendendo o quanto era

importante os estudos, dai terminei a quarta serie. Quando eu ia começar a fazer o quinto ano mudei de estado, fui para o Rio de Janeiro eu tinha apenas 15 anos Hj vejo que passei muitas coisas por estar na ausencia dos meus pais. Morei com minha irma onde cuidava do meu sobrinho e estudava. Me envolvi com um rapaz e com um ano de namoro me juntei (casei) no inicio foi maravilhoso mais por minha imaturidade aos 17 anos com pouco tempo nos separamos. Quando me separei do aos 18 anos estava cursando o 1...° ano do ensino medio e por causa da separação sair da escola no meio do ano (Julho). Então foi para outra fase da minha vida e essa foi terrivel, fui morar sozinha aos 19 trabalhar e com problemas psicologicos por causa da separação e me sentia desamparada e muito assustada, nesse perildo eu pensava em estudar mais não tinha apoio e motivação tinha que trabalhar para mim manter. Não suportei a pressão sem noção nem uma de vida, fiquei doente; voltei pra Paraíba tentei voltar a estudar mais não conseguir fiquei por 6 meses. Voltei para o Rio de Janeiro: Chegando la fui trabalhar morando sozinha, mais me sentia muito fragilizada. Ainda eu tinha meus 20 anos mais muito inocente, mais uma vez tentei estudar mais tinha que trabalhar e não tinha ninguem para me ajudar a procurar colegio pois eu era nova no Bairro. Os incentivos para o estudo e falar da importancia dele e tudo, me faltou uma motivação, em fim. Dair fui trabalhar quando eu tinha 21 anos fui violentada, fiquei com síndrome do panico voltei para Paraíba. Com 6 mês conheci meu esposo hoje, tive um filho, tive muitas tristezas e felicidades. Entao tive problema de saúde, me cuidei sozinha, fiz Hemodiase por 1 ano e 8 meses fui trasplantada. Hj estou morando na Paraíba contra vontade. Mais diante disso tudo veio a vontade de voltar a estudar fui incentivada por um medico, Vou terminar o ensino medio e cursar uma facudade de nutrição. Hj aos 40 vejo que passei isso tudo por falta de uma educação (Estudo). (Escrito por E.T.S.)

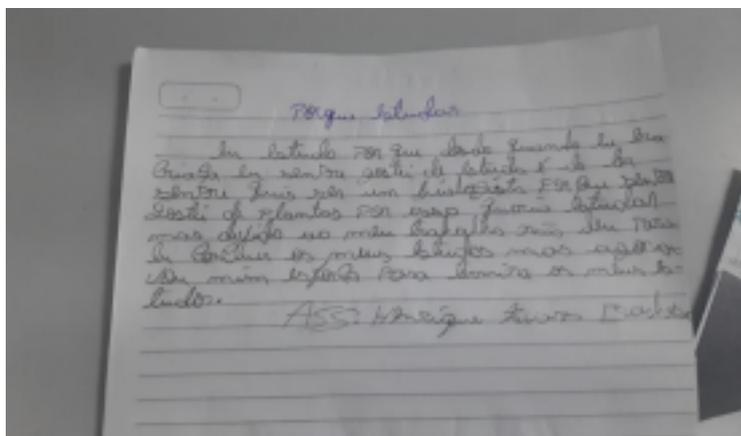
O Encontro VII consiste no início formal da produção da escrevivência dos estudantes. A partir dos textos desenvolvidos na aula anterior, os estudantes são orientados a revisá-los e a produzir uma versão final. A correção e o acompanhamento individualizado visam assegurar que os estudantes possam expressar suas vivências de forma adequada, integrando os conteúdos trabalhados nas aulas anteriores. Seguem imagens com as Figuras 7 e 8 de algumas atividades realizadas até a presente semana

Figura 7 - Textos desenvolvidos pelos estudantes sobre a temática Porque estudar?



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Figura 8 – Texto produzido por estudante do Ciclo V - C



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Por fim, na Semana VIII, os estudantes apresentam suas escrevivências. Esta aula teve como objetivo sanar dúvidas e finalizar as produções textuais, oferecendo espaço para revisões e aprimoramentos. A avaliação continua sendo feita com base na participação dos estudantes, no desenvolvimento da escrita e na construção de debates que integrem os temas abordados ao longo de toda a sequência didática.

A sequência didática descrita utiliza variados recursos pedagógicos — desde leitura e discussão de textos até a exibição de documentários e atividades práticas de escrita — para promover o desenvolvimento crítico dos estudantes em relação às questões sociais e culturais abordadas nas obras de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo.

Ao incentivar a escrita dos estudantes, foi possível perceber diversas habilidades no que se refere à percepção de vida em que se enxergam. Escrever sobre suas rotinas, sobre a importância de estudar e sobre a cidade onde residem fez com que os mesmos pudessem se entender e também pudessem transmitir aos professores um pouco do que suas percepções significam, pois estas se refletem diretamente em sala de aula.

Através dos encontros realizados na Escola, foi possível identificar temas e iniciados debates que podem ser realizados nas aulas de Sociologia, como também em outras disciplinas, caso haja interesse do professor da área. Temas como violência contra as mulheres, papel de gênero, Trabalho, Objetivos de vida, Religião, entre outros que trouxeram à tona o anseio dos estudantes por aquilo que chamam de “terminar os estudos”. Sendo possível perceber que, em sua maioria não apenas comparecem à escola, como também se dedicam a participar e apreender aquilo que lhes é proposto.

Em sua maioria, os estudantes contribuíram para a realização do projeto, realizando suas escrevivências, solicitando orientação e entregando seus textos expressando confiança, principalmente aqueles que pediram sigilo caso tivéssemos que comentar ou publicar tais escritos, considerando que depositaram emoções e compartilharam segredos.

O resultado deste projeto desencadeou em um livro pensado inicialmente em temas, mas que se desdobrou para a organização de acordo com as propostas dos estudantes, considerando que o contexto que escreveram não poderá desvincular

seus escritos por temas separados. A coletânea conta com os escritos realizados e/ou orientados em sala de aula.

Os livros serão entregues à escola para que os professores pensem nos estudantes além da sala de aula, como também aos estudantes, para que possam reconhecer-se como escritores e que possam ter em mãos um livro elaborado por eles. A título de informação, o título do livro foi pensado com base nesta intervenção pedagógica: Para além da sala de aula: Realidades através das escritas de estudantes da EJA.

Em sua contracapa foi escolhido um pequeno texto produzido por um estudante que representa a forma de se expressar dos estudantes:

Eu estudo por que desde quando eu era criança eu sempre gostei de estudar e de ler. Sempre quis ser um biólogo porque sempre gostei de plantas, por isso queria estudar, mas devido ao meu trabalho não deu para eu concluir os meus estudos, mas agora vou mim esforçar para termina os meus estudos. (Estudante do Ciclo IV – C, 2024)

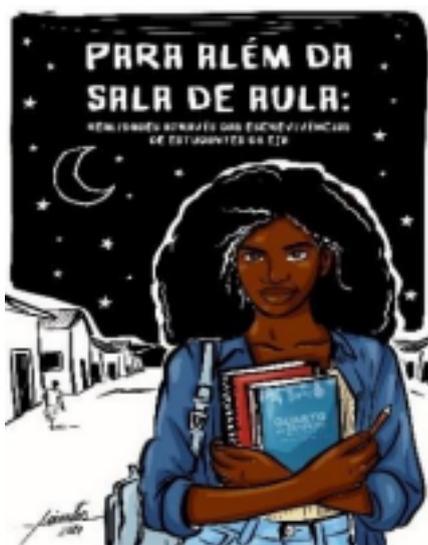
Com as palavras deste estudante, é possível perceber a esperança, a força de vontade e o desejo de concluir o ensino básico para que, se possível, alcançar o nível superior. Também é com estas palavras que podemos perceber as limitações sociais que cercam os estudantes da EJA, devido ao trabalho laboral e o atraso na conclusão do ensino básico, os mesmos encontram-se com defasagem do ensino de forma latente, mesmo que estes sejam estudantes presentes e pontuais em suas atividades estudantis.

É com o intuito de conhecer e dar voz a estes estudantes que foi pensado este livro. É entendendo aspectos culturais e estruturais de nossa sociedade Queimadense (através da escrita dos mesmos) que conseguiremos dar continuidade e elaborar melhores materiais para as aulas da EJA. Conhecendo os estudantes tal como se apresentam, podemos trabalhar de forma mais abrangente conteúdos de diversas disciplinas. Portanto, o material impresso e distribuído será de importância para os estudantes e professores conheçam mais de perto as realidades específicas de seus educandos.

O material do livro conta com 20 páginas escritas pelos estudantes com os três temas propostos por eles em conjunto durante os encontros, foram eles: Minha rotina diária, A importância de estudar e Como é viver na minha cidade. A maior parte dos estudantes pediu para que não os identificassem no livro, pois tratam de emoções muito íntimas. O livro ainda não foi apresentado na escola devido ao tempo de edição e impressão. Este livro pode ser utilizado pelos estudantes participantes como forma de recordação e compartilhamento da realidade em comum, como também pelos professores como pesquisa ou curiosidade de entender os estudantes e aprimorar as aulas, buscando a realidade deles para melhor contextualizar os assuntos abordados em sala de aula.

Nas aulas de sociologia, o material é vasto no que se refere a temas sociais, considerando que os estudantes trouxeram para a sala de aula suas experiências cotidianas (trabalhadores, condições da mulher na sociedade, espaço urbano/rural, etc). Segue imagens com a Figuras 9 do produto pedagógico, resultado da intervenção: um livro.

Figura 9 – Capa e Ficha Catalográfica da coletânea publicada como resultado da intervenção pedagógica de Estágio Supervisionado III



Para além da sala de aula : realidade através das
escrevivências de estudantes da EJA /
organização Claudiana Barbosa da Silva. --
Campina Grande, PB : A Biroasca do
Meroveu - Editora, Sebo e Café, 2024.

Vários autores.
ISBN 978-65-981359-6-6

1. Ambiente de sala de aula 2. Educação de
Jovens e Adultos 3. Escrita criativa I. Silva,
Claudiana Barbosa da.

24-220434

CDD-374

Fonte: Ilustração de Sócrates Gonçalves – artista campinense. Arquivo Próprio, 2024

Ao desenvolverem suas "escrevivências", os estudantes sentiram-se inicialmente desafiados, pois os conteúdos planejados para o turno são mais objetivos e adaptados ao perfil deles, muitos dos quais vêm direto do trabalho, cansados após um longo dia. Para facilitar a absorção dos conteúdos e evitar que desistam do ano letivo devido à alta carga de atividades, os professores selecionam materiais de forma condensada e prática. Como resultado, tanto professores quanto alunos enfrentam uma rotina exaustiva, e as aulas acabam sendo mais focadas.

A professora de sociologia, apesar de não ter formação específica na área, se esforça ao máximo para garantir que nenhum tema relevante passe despercebido. Em uma nova abordagem metodológica, que envolvia debates em sala, percebeu-se que os estudantes se sentiam desafiados a opinar e logo, na primeira aula, decidiram juntos os temas sobre os quais escreveriam. Mesmo com todo o planejamento, os conteúdos variaram um pouco entre as turmas, pois a participação dos alunos influenciava diretamente nas discussões. Por exemplo, no primeiro encontro, que ocorreu próximo ao Dia das Mães, a leitura do conto "Olhos D'Água" de Conceição Evaristo (2016) foi particularmente relevante, pois todas as mulheres da turma eram mães. A leitura coletiva emocionou muitos estudantes, que comentaram que leriam o conto em casa, alguns para os filhos, outros para as mães. Inspirada por essa experiência, uma das alunas decidiu iniciar sua escrita sobre o Dia das Mães, motivada pela lembrança da mãe no conto.

À medida que os encontros avançavam, os estudantes escolheram temas para suas escrevivências, e cada turma selecionou um tema que foi compartilhado com a turma seguinte, resultando em três temas principais: "Minha rotina diária," "Como é morar em Queimadas," e "A importância de estudar." Inicialmente, planejou-se que os textos finais seriam entregues e compartilhados ao fim dos encontros, mas os alunos optaram por apresentar um texto por aula. Alguns entregaram na aula seguinte, enquanto outros preferiram finalizar e compartilhar ao final do ciclo.

A maioria dos estudantes pediu anonimato, e adotamos, portanto, o anonimato como padrão. Os temas abordados revelaram emoções profundas, incluindo referências à religião e experiências dolorosas, como questões de saúde,

interrupção dos estudos, dificuldades para estruturar um texto, desafios para cuidar dos filhos, e obrigações diárias que impediam a realização das tarefas em casa, além de relatos de trabalho árduo e violência doméstica. Uma aluna, em particular, compartilhou sua história e o medo que sentia caso o ex-companheiro descobrisse que ela havia escrito sobre isso.

Foi notável a admiração dos estudantes ao descobrirem novas autoras e, especialmente, ao se identificarem com Carolina Maria de Jesus, que também não completou seus estudos formais. Esse reconhecimento trouxe inspiração e tornou o ato de escrever mais palpável para eles. Quando mencionamos que, tal como Carolina, eles poderiam imaginar a estrutura de um livro, os estudantes reagiram com risos e certa descrença, afirmando que não se sentiam à altura de Carolina. Conforme o projeto avançava, percebia-se o cansaço deles em continuar escrevendo, mas a maioria entregou seus textos, cada um ao seu modo e respeitando suas próprias limitações.

A elaboração deste livro como parte da intervenção pedagógica na formação docente em Licenciatura em Sociologia tem uma importância significativa, tanto para os futuros professores quanto para o avanço do ensino de Sociologia. Esse tipo de projeto permite a construção de um material didático que reflete diretamente as experiências práticas e contextos específicos dos alunos da EJA, proporcionando uma formação mais conectada à realidade das salas de aula e às necessidades dos estudantes.

Primeiramente, um livro desenvolvido como resultado de uma intervenção pedagógica representa um esforço coletivo para sistematizar e compartilhar práticas pedagógicas e teóricas que são testadas e aprimoradas no campo. Esse material não apenas apoia a formação dos licenciandos, mas também serve como referência para futuros educadores que podem se beneficiar das experiências documentadas. Além disso, um livro desse tipo promove uma reflexão crítica sobre as estratégias de ensino que funcionam para determinados públicos e contextos, incentivando uma formação docente que é ao mesmo tempo teórica e prática.

Outro aspecto importante é que a elaboração desse material permite aos futuros professores aprofundar-se em temas sociológicos relevantes para a realidade dos alunos da EJA, abordando questões de desigualdade, cidadania, identidade, entre outros. Ao realizar uma intervenção pedagógica que culmina em um livro, os licenciandos têm a oportunidade de refletir sobre como adaptar o conteúdo sociológico para uma educação que seja acessível e relevante, especialmente para públicos que, muitas vezes, não têm seus saberes e experiências valorizados na educação formal.

Esse processo também contribui para que futuros professores desenvolvam habilidades para lidar com a diversidade de contextos sociais e culturais dos estudantes da EJA. A intervenção pedagógica, registrada no livro, demonstra maneiras de tornar o ensino de Sociologia mais inclusivo e de conectar a teoria sociológica às vivências concretas dos estudantes, promovendo uma formação docente que valoriza a construção de uma pedagogia emancipatória e humanizadora.

Por fim, o livro se torna um legado e uma ferramenta prática de consulta e inspiração, tanto para os professores em formação quanto para os professores já atuantes, fortalecendo a construção de uma cultura pedagógica reflexiva e colaborativa. Ele representa não apenas um recurso didático, mas também uma contribuição ao campo do ensino de Sociologia, ajudando a renovar e adaptar a

prática pedagógica às demandas da educação contemporânea, com especial atenção para a EJA e suas especificidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) oferece não apenas a oportunidade de alfabetização, mas também de emancipação, reconhecendo a bagagem de conhecimentos adquiridos pelos estudantes em outras esferas sociais. É essencial que a prática pedagógica leve em conta as realidades culturais e individuais dos jovens e adultos, favorecendo uma metodologia adaptada às suas necessidades e vivências. Segundo Cunha (2021), as motivações para ingressar na EJA são variadas, englobando necessidades relacionadas ao trabalho e à família. A autora destaca a importância de respeitar as condições culturais dos estudantes e estabelecer uma comunicação eficaz entre educador e educando.

A EJA tem se tornado uma alternativa indispensável ao ensino integral em muitas escolas paraibanas, e inviabilizar essa modalidade excluiria uma parcela significativa da população que não consegue acompanhar a rotina do ensino regular. Isso resultaria em elevada evasão escolar e no aumento do índice de analfabetismo em poucos anos.

Neste contexto, a intervenção pedagógica desenvolvida ao longo do semestre buscou aproximar a realidade dos estudantes da sala de aula, dando voz a suas experiências e promovendo uma aprendizagem crítica e reflexiva. Com isso, o ensino de Sociologia na EJA oferece uma contribuição inestimável ao propor uma educação que ultrapassa o aprendizado de conteúdos formais, visando a transformação social e pessoal dos estudantes. O ensino de Sociologia permite que eles reflitam sobre suas próprias experiências de vida e sobre as realidades sociais que enfrentam, principalmente em contextos de desigualdade e opressão.

Essa abordagem sociológica promove uma educação emancipadora, incentivando os estudantes a questionarem as estruturas sociais, desenvolverem uma consciência crítica e refletirem sobre temas como desigualdade e subcidadania. Ao incorporar textos de autores como Conceição Evaristo e Carolina de Jesus, a intervenção pedagógica fortalece a autoestima e a autonomia dos educandos, valorizando suas histórias e promovendo o protagonismo em suas trajetórias de vida.

Além disso, ao adotar o conceito de "escrevivência", a prática pedagógica conecta os saberes sociológicos com uma valorização da cultura e individualidade dos estudantes, respeitando suas motivações e realidades culturais. Esse método não só facilita o aprendizado, mas também cria um espaço seguro para a expressão emocional e intelectual, promovendo uma educação holística e integradora, como proposto por Bell Hooks (2017). Assim, o ensino de Sociologia na EJA, apoiado por essa intervenção, auxilia os educandos a entenderem seu papel na sociedade e a se tornarem agentes de transformação.

A pesquisa qualitativa, especialmente através de observação participante e do uso do diário de campo, foi fundamental para uma prática pedagógica reflexiva e enraizada na compreensão das experiências dos estudantes. Esse método permite que o educador se insira no ambiente de aprendizado, capturando as interações, comportamentos e sentimentos dos estudantes de forma contextualizada. O diário de campo, por sua vez, facilita o registro contínuo de percepções e reflexões, promovendo uma análise dinâmica e uma constante reavaliação das práticas pedagógicas.

Do ponto de vista teórico-metodológico, a observação participante e o uso do diário de campo sustentam uma pedagogia crítica e emancipadora, onde o educador não é apenas um observador externo, mas alguém que interage, transforma e é transformado pelo ambiente. Essa participação permite uma identificação mais precisa das necessidades dos estudantes e ajusta as práticas pedagógicas de forma mais humana e empática.

Essa abordagem faz da prática educativa um processo contínuo de reflexão, onde teoria e prática se entrelaçam, promovendo uma educação significativa e adaptada à realidade dos educandos.

As escrevivências trazem contribuições inovadoras ao ensino de Sociologia na EJA, ao valorizarem as narrativas pessoais e coletivas dos estudantes, conectando as teorias sociológicas às experiências de opressão, resistência e superação. Essa metodologia permite que os estudantes explorem e compartilhem suas histórias, frequentemente marcadas por exclusão e desigualdade, valorizando suas vozes e trajetórias. Assim, o ensino de Sociologia passa a ser um espaço de reflexão crítica sobre temas como classe, raça, gênero e cidadania, onde as histórias de vida dos educandos são fontes legítimas de conhecimento.

Ao integrar as escrevivências na prática pedagógica, o educador conecta conteúdos de diversas disciplinas, criando um ambiente de aprendizado onde as experiências pessoais dialogam com conceitos teóricos de forma concreta e acessível. Essa metodologia não apenas facilita a compreensão dos temas, mas também fortalece a autoestima e a autonomia dos estudantes, legitimando-os como protagonistas de suas histórias e agentes de transformação social.

Por fim, a interlocução entre literatura, escrevivência, questões sociais e o ensino de Sociologia na EJA cria uma abordagem pedagógica transformadora, unindo reflexão crítica e prática educacional. Obras de autores como Conceição Evaristo e Carolina de Jesus permitem ao educador conectar o conhecimento sociológico às experiências concretas dos estudantes, promovendo uma educação inclusiva e libertadora. Esse processo fortalece a autoestima e a autonomia dos educandos, possibilitando que se tornem protagonistas de suas histórias e agentes de mudança. Assim, a escrevivência e a Sociologia se entrelaçam, desafiando opressões e construindo novos horizontes para a educação de jovens e adultos.

REFERÊNCIAS

BÄR, Eliana; COUTO, G. A. **Pedagogia do Oprimido: Atualidade e Urgência 50 Anos Depois**. EJA em Debate, ano 7, n. 12, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br>.

BECKER, E.; KELLER, L. A trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 59, p. 509-523, 2014.

BODART, C. das N.; SOUZA, E. D. **Configurações do ensino de sociologia como um subcampo de pesquisa: análise dos dossiês publicados em periódicos acadêmicos**. Ciências Sociais Unisinos, v. 53, n. 3, p. 543-557, set./dez. 2017.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 jun. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/13005.htm. Acesso em: 20 nov. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.005/2014: Plano Nacional de Educação**. Disponível em: <https://planalto.gov.br>. Acesso em: 20 out. 2024.

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9394/1996**. Disponível em: <https://mec.gov.br>. Acesso em: 10 out. 2024.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 20 nov. 2024.

BRASIL ESCOLA. **Carolina Maria de Jesus: biografia e obras**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br>. Acesso em: 1 maio 2024.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CACHADO, R. **Diário de campo: um primo diferente na família das ciências sociais**. Sociologia & Antropologia, v. 11, n. 2, p. 551-572, 2021.

CAVALCANTI NETA, E. L. de A. **Ensino de Sociologia: uma investigação da sua percepção entre estudantes da EJA**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2023.

CAVALHEIRO, R. da S. **A Sociologia no Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos (EJA): a experiência da Escola Cecília Meireles, Sapucaia do Sul-RS**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

ELIAS, Norbert. **Escritos e ensaios. Organização e apresentação de Federico Neiburg e Leopoldo Waizbort**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. 2 v.

ERAS, L. W. et al. (Orgs.). **Escrevivências e Ensino de Sociologia: um debate em construção**. Londrina: Madrepérola, 2023. ESCOLA ERNESTÃO – QUEIMADAS, PB. **Projeto Político Pedagógico, 2022-2023**. Disponível em: <https://queimadas.pb.gov.br>. Acesso em: 2024.

ESCOLA ERNESTÃO – QUEIMADAS, PB. **Regimento Interno da Escola, 2022**. Disponível em: <https://queimadas.pb.gov.br>. Acesso em: 2024.

EVARISTO, C. **Da grafia-desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: ALEXANDRE, M. A. (Org.). Representações Performativas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 16-21. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com>. Acesso em: 2 set. 2024.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **A pedagogia da pergunta**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

GASTALDO, E. A.; LOPES, A. L. M. **Diário de campo: um primo diferente na família das ciências sociais**. Cadernos de Campo, n. 13, p. 137-147, 2005.

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. **Lei 12.792/2013: estrutura da educação**

estadual. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br>. Acesso em: 23 out. 2024.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2017.

IBGE. Cidades@ | Paraíba | Queimadas | Panorama. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 5 set. 2024.

JUNQUEIRA, R. **Um balanço sobre o campo do ensino de sociologia no Brasil**. Educação e Pesquisa, v. 40, n. 1, p. 215-232, 2014.

LOPES, A. C. F. **Queimadas: seu povo, sua terra**. Queimadas: Cópias e papéis, 2010.

MAFRA, A. **A educação em direitos humanos: um olhar para a modalidade educação de jovens e adultos no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, v. 24, n. 76, p. 183-200, 2019.

MAFRA, R. **Educação e inclusão social: desafios e possibilidades na EJA**. São Paulo: Cortez, 2018.

MARIA, L.; FONTOURA, H. **Currículo e formação de professores para Educação de Jovens e Adultos**. Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, v. 13, n. 2, p. 33- 50, 2016.

MINAYO, M. C. de S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MINAYO, M. C. de S. **Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa**. Psicologia, Saúde & Doenças, v. 10, n. 3, p. 369-381, 2009.

MINAYO, M. C. S. COSTA, A. P. **Técnicas que fazem uso da palavra, do olhar e da empatia: Pesquisa qualitativa em ação**. Aveiro: Ludomedia, 2019.

OLIVEIRA, A. **Um balanço sobre o campo do ensino de sociologia no Brasil**. Revista Temas em Educação, v. 12, n. 2, p. 6–26, 2015.

PIERRO, M.; HADDAD, S. **Políticas públicas e o compromisso com a educação de jovens e adultos**. Cadernos de Educação, v. 35, n. 2, p. 231-250, 2015.

PIERRO, M.; HADDAD, S. **Transformações nas políticas de educação de jovens e adultos no Brasil no início do terceiro milênio: uma análise das agendas nacional e internacional**. Revista Brasileira de Educação, v. 20, n. 59, p. 337-355, 2015.

RAMOS, M. N. **A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?** São Paulo: Cortez, 2006. p. 221-280.

REZENDE, L. B. M.; CAMPOS, B. S. **Memória, alteridade e escritas de si em Conceição Evaristo, Maria Auxiliadora, Carolina de Jesus e Elza Soares: a arte da “escrivência”**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, v. 66, p. 1–17, 2022.

RIBEIRO, S. dos S.; GIRALDI, P. M.; CASSIANI, S. **Escrivência: inspiração**

teórica e metodológica como caminho para uma educação em ciências interseccional. Anais do XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Campina Grande: Realize Editora, 2021.

SANCEVERINO, E. **O Trabalho como Princípio Educativo na Educação de Jovens e Adultos: mediações imanentes para um currículo que se pretende emancipador.** Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, v. 17, n. 1, p. 27-44, 2017.

SANTOS, F. de A. dos; CARVALHO, L. R. de O. **O ensino da Sociologia na Educação de Jovens e Adultos.** Revista Brasileira de Educação, v. 22, n. 69, p. 629-649, 2017.

SOSO, Débora Miranda de Godoy; MESSER, Sylvia. **O ensino da Sociologia na Educação de Jovens e Adultos.** Boletim Técnico-Científico, v. 4, n. 1, p. 19-36, 2017

AGRADECIMENTOS

Aos estudantes do Ciclo V – B e C, da Educação de Jovens e Adultos de 2024 da Escola Ernestão, por terem contribuído de forma direta na construção desta pesquisa através de seus escritos em atividades voluntariamente realizadas durante os estágios II e III.

À professora Iolanda Barbosa da Silva pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação, bem como pelo incentivo à escrita de artigos e participação em congressos.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela oportunidade de participar de um projeto tão importante como a Residência Pedagógica, bem como na figura de Laudilene Barboza, preceptora na Escola Ademar Veloso da Silveira, na qual tivemos a oportunidade de elaborar pesquisas em conjunto.

À professora Luísa Duarte, pela receptividade na Escola Ernestão, cedendo suas turmas de EJA para que os estágios pudessem ser realizados.

À gestão da ECIT Francisco Ernesto do Rêgo pela acolhida.

Ao meu grande amigo João Pedro, que esteve presente nos dias difíceis, na Universidade e na vida pessoal.

Por fim, ao meu companheiro Aldo Melo, que nos dias de leitura me fez café, nos dias de estágio, quando preciso, me acompanhou até a porta da escola e ao perceber a importância deste estudo, foi um dos principais incentivadores na elaboração da coletânea.